

UNIVERSIDADE E COMUNICAÇÃO: o papel da comunicação organizacional frente aos paradoxos da nova ordem mundial

Eugenia Mariano da Rocha Barichello¹

Resumo

Num mundo que se reorganiza radicalmente, em especial devido às novas tecnologias e aos processos mediativos, a posição da universidade e suas condições de comunicabilidade sofrem mudanças profundas, constituindo-se em vigoroso *locus* de análise e intervenção. A proposta é pensar o modo como a visibilidade da universidade é construída atualmente, através da análise de sua relação comunicacional com a sociedade.

A questão

Numa época em que os meios de comunicação reorganizam a sociedade supõe-se que a universidade precisaria utilizar-se de dispositivos para torna-la visível e legítima perante o seu tempo. Para tanto, sua produção e oferta de informação deveriam seguir determinadas estratégias de enunciação, de forma a garantir uma circulação adequada na mídia bem como o reconhecimento das mensagens pela esfera da recepção, completando o ciclo comunicativo entre universidade e sociedade.

No entanto, não seria suficiente para a análise que propomos situar a questão da visibilidade da universidade apenas na circulação das mensagens sobre a instituição na esfera midiática, pois a mesma é problematizada por vários fatores tais como:

- a crise da universidade na esteira da crise de todas as instituições modernas;
- a inserção da instituição universitária na economia de mercado e a disputa com outros espaços educacionais emergentes;
- a evolução da tecnologia e a aceleração dos circuitos de informação.

No centro dessa problemática existe uma questão estrutural: a universidade, devido à rigidez de suas estruturas e de seus processos burocráticos, não tem acompanhado as transformações da Atualidade. Contrariando a crescente flexibilidade que tem exigido a nova desterritorializada civilização que entra em cena neste final de século, onde espaço e tempo são deslocados, a universidade permanece como instituição

¹ Professora da Faculdade de Comunicação da UFSM (RS) – Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Escola de Comunicação da UFRJ.

que se caracteriza pela sua estrutura de confinamento disciplinar. Enraizada em um território e cada vez mais distante das questões da sociedade atual, ela vem perdendo visibilidade e legitimidade.

A universidade como instituição atravessou vários séculos com uma posição hegemônica como local de geração e transmissão do conhecimento, atingindo seu apogeu na Modernidade e, há cerca de duas décadas, temos a sua própria sobrevivência questionada. Pode-se colocar no centro dessa questão fatos como a crise do universal; o aparente fim das utopias e a aceleração dos circuitos de informação. Enfim, a passagem de uma sociedade com fronteiras limitadas a uma sociedade cujos limites se apagam progressivamente.

A situação da universidade no contexto da sociedade é fundamental para a análise do tipo de comunicação que ela coloca em operação, considerando a evolução da instituição como decorrente de tensões e interações geradas por este relacionamento. Dessa forma, pode-se compreender que as exigências da sociedade em relação ao papel a ser desempenhado pela universidade tornaram-se mais evidentes na Modernidade, justamente quando a universidade solidificou-se como instituição transmissora de saber e organizou-se espacial e temporalmente como espaço legitimador da ciência. Desde então a sociedade descobriu que as universidades, com suas incursões em diferentes áreas do conhecimento, poderia auxiliá-la na solução de problemas específicos. A partir de cerca de cem anos, a universidade passou a ter um compromisso social mais efetivo e a acompanhar os movimentos e as mudanças da sociedade, preocupação visualizada hoje nas chamadas atividades de extensão universitária. A nova abordagem privilegia a finalidade utilitária da universidade e, em decorrência disso, a unicidade dos fins abstratos dá lugar a uma multiplicidade de funções e a uma organização cada vez mais complexa que contrapõe-se à ideia utópica da universidade fundada na investigação livre e na unidade do saber.

A multiplicidade de funções cria pontos de tensão, tanto no relacionamento da instituição universitária com o Estado e a sociedade, como no interior das próprias universidades enquanto organizações, caracterizando o que muitos percebem como a crise visível da instituição.

Além disso, temos que considerar a diversificação crescente dos espaços educacionais. Se o século XX foi o século da produção de bens duráveis, o século XXI - e insere-se aqui a contemporaneidade - é voltado ao conhecimento e à disputa dos espaços educacionais: empresa e mídia responsabilizam-se, cada vez mais, pela educação continuada do cidadão flexível, através de um processo de ensino sempre devedor, sempre parte de um todo não acabado. Pode-se colocar que o questionamento acerca do papel da universidade tem se agravado com a passagem da sociedade moderna para a atual, e que as pressões da Atualidade apontam para novos caminhos, ainda não visualizados e que, por isso mesmo, constituem-se em fonte de perplexidades.

As regras do jogo mudaram, os dispositivos da sociedade disciplinar são substituídos pelos dispositivos da sociedade de controle, as informações fluem por redes telemáticas e parecem colocar em

cheque a instituição que tinha por objetivo gerar e transmitir o conhecimento através de moldes, quando a regra agora é a modulação. A evolução da tecnologia e a aceleração dos circuitos de pensamento, acompanham os desafios postos à universidade na contemporaneidade, pois essas mudanças colocam em cena novos agenciamentos de comunicação, linguagens e técnicas, modificando as referências ao tempo e ao espaço. Além disso, a própria organização espacial e territorial da universidade sofre mudanças na passagem da sociedade moderna para a sociedade contemporânea, quando a geração e transmissão do saber não estão mais circunscritos a um espaço territorial representado, na modernidade, pela cidade universitária.

No Brasil, as primeiras escolas isoladas em nível universitário surgiram em 1808, dentro de um contexto sócio econômico internacional de quebra de pacto entre as nações européias. Mas foi só a partir de 1920 que a universidade se instalou como figura jurídica, através da criação da Universidade do Brasil, que incorporava os cursos superiores até então existentes. A universidade brasileira, com três décadas de existência como organismo unificado, começou a sofrer uma expansão numérica significativa a partir da década de 50, especialmente nos anos 60 e 70, e teve um movimento de busca pela maior qualificação do ensino a partir dos anos 70. Embora o ensino universitário tenha sido implementado muito tardiamente no Brasil, se comparado ao início de sua existência no restante da América e muito mais marcadamente em relação à Europa, os movimentos que se sucederam, especialmente nos anos sessenta, seguem uma linha de desenvolvimento similar aos outros países. Atualmente ocorre uma reformulação geral no sistema educacional brasileiro, seguindo tendências mundiais, cujo objetivo principal é transferir as responsabilidades do Estado para o mercado.

O desafio da comunicação da universidade é encará-la como ser mutante diante de novas regras impostas pelo capital e pela tecnologia e para isso é preciso relativizar conceitos e estratégias.

Pressuposto teórico

Para melhor ilustrar as questões do quadro teórico de análise optou-se por apresentá-las em quatro itens, os quais procuram tratar de questões como legitimação, crise, poder e visibilidade, chegando aos desafios gerados pela entrada em cena de novos espaços educacionais, pela evolução da tecnologia e devido à aceleração dos circuitos de informação.

A reorganização da sociedade pelos mass-media

A sociedade pós-industrial é caracterizada pela passagem de uma economia produtora de mercadorias para uma economia produtora de bens de serviço, na qual a técnica exerce sobre os atores sociais um poder reestruturante e reorganizador. Segundo Muniz Sodré², “no processo de globalização das

² SODRÉ, Muniz. **Reinventando a cultura**. A comunicação e seus produtos. Petrópolis: Vozes, 1995. p.8

culturas do mundo, o consumo, enquanto imperativo de mercado, aparece como uma doutrina sem nome preciso, com pretensão de substituir as formas representativas tradicionais". Para Neiva Júnior³, trata-se de uma sociedade conduzida pela técnica e este processo é irreversível, pois os estágios posteriores à sociedade industrial têm a técnica como traço de união, onde cada tecnologia de informação é levada ao conhecimento do público como superior às anteriores, superando-as e transformando a técnica na "nova gramática ideológica".

Muniz Sodré denomina "tecnocultura" a aliança estabelecida entre comunicação e tecnologia, que abrange desde os meios de comunicação de massa tradicionais até as atuais redes telemáticas. Segundo o autor, os mass media constituem a ponta de lança de uma nova organização do espaço tempo social (...) a era da informação corresponde na prática a um modelo de desenvolvimento humano baseado em contingências teletecnológicas e comerciais. Mais do que em "centros" de irradiação pode-se falar em "lugares" de absorção e transformação do fluxo histórico-dinâmico da vida social em projeções fantasiosas que pretendem dar conta da realidade em sua máxima objetivação. Esses lugares são os meios de comunicação de massa, a arquitetura, o urbanismo, a economia, a política e a educação⁴.

Lúcia Santaella, destaca a ênfase dada na atualidade à informação como processo comunicativo sendo a função dos atos de comunicação dependente da transmissão intencional da informação, ressaltando que "para desempenhar este papel o comportamento deve ser controlável (...) e a intencionalidade depende de um conjunto de regras de acordo com as quais o comportamento será interpretado."⁵ Podemos deduzir então que, na sociedade atual, a comunicação das instituições e organizações deve valer-se de estratégias que articulem a sua interação com a sociedade, pois o surgimento de novos meios técnicos tornam possíveis novas formas de interação social, modificam ou subvertem velhas formas de interação, criam novos focos e novas situações para a ação e interação e, portanto, servem para reestruturar relações sociais existentes e as instituições e organizações das quais elas fazem parte⁶.

A disputa pelo sentido se dá nos mass media, onde é encenada e simulada, a partir da reconstrução dos fatos, servindo a comunicação para legitimar discursos, comportamentos e ações, substituindo o papel desempenhado pelas religiões nas sociedades tradicionais. Na atualidade composta por campos de conhecimento autônomos e diversificados, a comunicação é imperativo ético e urgência política, relacionando indivíduos, instituições e estados⁷.

³ NEIVA JÚNIOR, Eduardo. Comunicação. Teoria e prática social. São Paulo: Brasiliense, 1991. p. 24

⁴ SODRÉ, Muniz. **O social irradiado**. São Paulo: Cortez, 1993. p. 7-15.

⁵ SANTAELLA, Lúcia. **Cultura das mídias**. São Paulo: Razão Social, 1995. p.15

⁶ THOMPSON. John B. **Ideologia e cultura moderna**. Teoria social e crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis: Vozes, 1995. p.296

⁷ RODRIGUES, Adriano Duarte. **Comunicação e Cultura**. Lisboa: Presença, 1993.

O processo de planejamento da comunicação, tido como o posicionamento estratégico de um bem material ou simbólico, trabalha com estratégias de enunciação e reconhecimento, pretendendo diminuir a imprevisibilidade, pois os processos comunicacionais são dotados de valores, que põem em jogo as estratégias dos intervenientes. Esse processo é reversível, cada um dos intervenientes é, ao mesmo tempo, destinador e destinatário de uma mensagem. Assim, a comunicação é considerada um processo de trocas simbólicas generalizadas, que alimenta a sociabilidade e gera os laços sociais.

Porém, não se pode deixar de considerar que os meios de comunicação, na sua modalidade reticular de organização, são dispositivos que contribuem para o alargamento de nossa experiência além das fronteiras territoriais, geram novas expectativas e criam novos hábitos, provocando uma desterritorialização do quadro tradicional da vida individual e coletiva. Na atualidade, assiste-se à instalação de uma experiência planetária, que se sobrepõe à experiência cultural concreta dos quadros de representação da realidade. Torna-se necessário, então, saber se as razões invocadas para legitimar os discursos, as ações e omissões no seio de uma comunidade, podem ser reconhecidas não só pelos seus interlocutores mas também pelos que observam estas ações.

A crise da universidade

A universidade atravessou séculos como instituição hegemônica destinada a produção e transmissão do conhecimento. Dentre as 85 instituições atuais que já existiam em 1520, com funções similares às que desempenham hoje, setenta são universidades⁸. A instituição universitária é definida por Karl Jaspers⁹ como o local onde, por concessão do estado e da sociedade, uma determinada época pode cultivar a mais lúcida consciência de si própria.

Embora a transmissão do conhecimento tenha sido uma preocupação constante na história, podemos situar o nascimento da universidade, como é concebida atualmente, na sociedade de soberania¹⁰ e colocar que a instituição atingiu o seu ápice na sociedade disciplinar, quando constituiu-se não só em instituição organizada mas também legitimou-se territorialmente através de espaços singulares, as cidades universitárias.

No texto *Post-scriptum sobre as sociedades de controle*, Gilles Deleuze resgata Michel Foucault, que situou as sociedades disciplinares nos séculos XVIII e XIX, atingindo seu apogeu no século XX. Coube às sociedades disciplinares organizar os grandes meios de confinamento, como as prisões, os hospitais e as escolas, sendo o projeto desses meios “concentrar, distribuir no espaço, concentrar no tempo; compor no espaço tempo uma força produtiva cujo efeito deve ser superior à soma das forças

⁸ KERR, Clark. **The uses of the university**. Cambridge: Harvard University Press, 1982.

⁹ JASPERS, Karl. **The idea of the university**. Londres: Peter Owen, 1965.

elementares”¹¹. Assim, pode-se dizer que o *campus* universitário é, de certa forma, a face mais visível da universidade como instituição que se organizou espacialmente na sociedade disciplinar e que as áreas de conhecimento, ministradas conforme o objetivo de profissionalização, são uma face visível da formação por moldes, característica dessa sociedade. Pode-se vislumbrar na concepção da universidade ora em crise, características de instituição da sociedade disciplinar: quando um espaço delimitado é destinado a moldar o indivíduo, serializá-lo, produzi-lo para desempenhar determinadas funções na sociedade.

Para Deleuze, a lógica da sociedade disciplinar é analógica, ou seja, descontínua e diferenciada em cada confinamento, enquanto a da sociedade de controle é numérica e constante. Além disso, pode-se indicar que a instituição tende a desterritorializar-se na Atualidade, quando os espaços educacionais são multiplicados e disputados por diversas esferas de controle como a mídia, as empresas e outras formas de educação permanente.

De acordo com Boaventura Santos¹², a universidade enfrenta atualmente uma crise que se multiplica em três: crise de hegemonia, crise de legitimidade e crise institucional e os fatores condicionantes dessa tripla crise são encontrados em diferentes tempos históricos.

A crise de hegemonia surge no século XIX e coloca em evidência a exclusividade dos conhecimentos que a universidade produz e transmite. Ela questiona a centralidade da universidade como lugar de produção de alta cultura, como lugar de livre discussão e formação de espírito crítico de elites com objetivos universais, característicos da modernidade. A hegemonia da universidade estava respaldada na cultura-sujeito e foi posta em questão pela emergência da cultura de massas, a qual faz com que a universidade perca o monopólio de produção e transmissão do conhecimento, pois a lógica de produção, distribuição e consumo da cultura de massas é muito mais dinâmica do que a lógica de produção da universidade.

As origens da crise de legitimidade fundam-se nas lutas por direitos sociais que têm início no final do século XIX e atingem seu apogeu nos anos 60. Essa crise é visível no descompasso existente hoje entre a educação e a oferta de trabalho, entre a titulação e a ocupação. A universidade tentou compatibilizar a educação humanística e a formação profissional, compensando a perda da centralidade cultural provocada pela emergência da cultura de massas com o treinamento de mão de obra especializada. Porém, o consumo das profissões pelo mercado é cada vez mais ágil que o processo de produção da universidade, este último dificultado pela rigidez burocrática das instituições universitárias. Além disso, a Atualidade aponta

¹⁰ Os conceitos de sociedade de soberania e disciplinar são colocados por Michel Foucault em *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Vozes, 1983.

¹¹ DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

¹² SANTOS, Boaventura. *Pela mão de Alice. O social e o político na pós-modernidade*. São Paulo: Cortez, 1992.

novos desafios para a universidade como a educação permanente, a reciclagem, a reconversão profissional, questões colocadas pela aceleração do processo produtivo da sociedade.

A crise institucional pode ser visualizada a partir do final da década de 60, com uma aceleração após a queda do muro de Berlim, em 1989, e tem como principal fator condicionante a crise do Estado-providência. Ela tem se agravado após o término da guerra fria e o seu principal fator desencadeante é a crise do Estado, representada pela deterioração das políticas sociais como habitação, saúde e educação. A universidade pública, tanto nos países centrais como nos periféricos, tem recebido cortes em seus orçamentos, acompanhados de propostas de reformulações profundas em suas estruturas. Os cortes têm tido principais efeitos na vida institucional da universidade: ao alterar posições relativas das diferentes áreas do saber priorizando as mais produtivas e atentas ao mercado, desestruturam relações de poder nas quais se assenta a estabilidade institucional; obrigam a universidade a submeter-se a critérios de avaliação para acompanhar o discurso atual de produtividade e levam-na a procurar outras formas de financiamento.

No que concerne à relação entre educação e mercado, Muniz Sodré¹³ coloca que “a questão básica é conhecer a verdadeira função do processo educacional na sociedade contemporânea, determinar a que exigências reais da organização das forças produtivas corresponde efetivamente a educação”.

Atualmente, encontramos-nos numa crise generalizada de todos os meios de confinamento da sociedade disciplinar e assistimos à instalação de uma sociedade de controle¹⁴, desse modo, a chamada crise das instituições representa a implantação progressiva e dispersa de um novo regime de dominação. A lógica da sociedade disciplinar é analógica, ou seja, descontínua e diferenciada em cada confinamento, enquanto a da sociedade de controle é numérica e constante. No entanto, pode-se vislumbrar na concepção da universidade ora em crise, características de instituição da sociedade disciplinar: quando um espaço delimitado era destinado a moldar o indivíduo, serializá-lo, produzi-lo para desempenhar determinadas funções na sociedade.

Dessa forma cria-se um descompasso crescente entre os dispositivos disciplinares da universidade da atualidade e a sociedade do nosso tempo. Há que o poder na sociedade de controle contemporânea é exercido à distância e o indivíduo não está mais submetido a moldes mas a modulações.

¹³ SODRÉ, Muniz. Anatomia de uma crise. In: CARVALHO, Antonio Paes de... (et al); DÓRIA, Francisco Antonio (coord.). **A crise da Universidade**. Rio de Janeiro: Revan, 1998. p. 88

¹⁴ Conforme exposto por Giles Deleuze no texto *Post-scriptum sobre a sociedade de controle*. In: **Conversações**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

Da perplexidade ao desafio – os novos espaços educacionais, a evolução da tecnologia e a aceleração dos circuitos de informação.

Situar a comunicação organizacional num plano estratégico é considerar a inserção e a singularidade da universidade na Atualidade e nos imperativos de uma nova ordem mundial, quando a instantaneidade e a telemática forçam o ritmo e a natureza de produção do conhecimento. Não existe mais reserva de conhecimento institucionalizada, a universidade divide e compete com outros organismos na tarefa de produzir e transmitir o conhecimento. Criam-se novos fluxos de transmissão do conhecimento e novos formatos organizacionais das instituições de ensino. Criam-se, também, novas mediações e interlocuções entre as instituições e a sociedade, nas quais a atuação dos meios de comunicação é peça fundamental e legitimadora de um processo permanente de identificação.

É preciso também considerar a rapidez com que evoluem os conhecimentos tecnológicos faz com que eles, cada vez mais, redefinam outras esferas da vida coletiva. Nesse sentido, Ivana Bentes¹⁵ coloca que vivemos um momento crucial de transformação do papel das instituições de ensino na cultura contemporânea, que deriva do confronto e da aliança do ensino com as tecnologias de comunicação. Nesse fato residem dois pontos cruciais: a existência de uma cultura midiática e de uma grande parte da sociedade nela inserida; e o excesso de informações descontextualizadas, fragmentadas, que atingem desde as populações mais carentes até os setores mais privilegiados da sociedade. Segundo a autora, as tecnologias da informação redefinem de forma radical, tanto a estrutura dos sistemas de ensino e de educação tradicionais como a própria função do professor. No novo contexto, o professor não tem mais a função de transmitir o conhecimento, mas torna-se um orientador, re-significando o campo da informação. Além disso, há que se atentar para a possibilidade de interação entre os diferentes campos do conhecimento proporcionada pelas novas tecnologias, pois “a universidade ainda aposta mais na individualidade do que no coletivo. E nisso reflete uma crença ampla da sociedade que esvaziou o social e o coletivo em nome de um certo individualismo soberano.” A utilização de novos suportes tecnológicos nas atividades educacionais sinaliza para a possibilidade de uma reinterpretação do conceito de comunidade. Pois a eliminação da distância física entre educadores e pesquisadores de diferentes instituições, diferentes áreas, países e regiões, colocam em cena novas formas de sociabilidade, sem acabar com as diferenças e especificidades de cada saber ou realidade.

¹⁵ BENTES, Ivana. A universidade concorre com a mídia. In: CARVALHO, Antonio Paes de... (et al); DÓRIA, Francisco Antonio (coord.). **A crise da Universidade**. Rio de Janeiro: Revan, 1998. p. 105-108

Pierre Lévy¹⁶, ao analisar os avanços das telecomunicações e da informática, também abre caminhos para pensarmos o coletivo quando afirma que a evolução em curso converge para a constituição de um novo meio de comunicação, de pensamento e de trabalho para as sociedades humanas. O autor propõe-se a forjar uma visão positiva que possa ajudar a orientação no labirinto do ciberespaço. Para ele, o desenvolvimento das novas tecnologias está inscrito em uma mutação de grande amplitude e ultrapassa os limites compreensíveis pelo homem. O nomadismo tende a transformar as paisagens científicas, técnicas, profissionais e mentais. E, mesmo que não participemos o mundo transforma-se, pois a realidade não é exterior a nós, mas o resultado do que fazemos em conjunto. Além disso, segundo Lévy, passamos de uma humanidade à outra, uma outra humanidade que não apenas resta obscura e indeterminada, mas que nós nos recusamos mesmo a interrogar, que nós não aceitamos, ainda, visualizar. Dessa forma, as tecnologias da inteligência se colocam na zona crítica da mutação contemporânea, o lugar político, proporcionando uma reinvenção da democracia, uma democracia distribuída por tudo, ativa e molecular.

Seguindo o mesmo princípio de abertura, em *Globalização e experiência de tempo*, Paulo Vaz trata da nova experiência de tempo que o homem vive na Atualidade, onde o possível é gerado pela tecnologia e possui "uma força intrínseca de realização". Vaz coloca o deslocamento do local de apreensão do novo como sendo uma característica da Atualidade. Agora, não se trata mais da distância entre o que podemos ser e o que ainda somos - característica da modernidade, mas da distância estimada entre o que somos e o queremos ser no futuro.¹⁷

Com relação ao deslocamento da apreensão do novo, vale a pena resgatar a expressão "ética do futuro"¹⁸ como uma ética do hoje, mas preocupada com a proteção de nossos descendentes quanto aos efeitos de nossas ações.

Essas questões nos fazem pensar na universidade colocada diante desse novo tempo. Na instituição em crise, em dessintonia com o tempo presente; na dificuldade de pensar seu futuro e na possibilidade infinita que se abre ao pensar-la num tempo presente. O acesso ao saber não está mais circunscrito a um espaço, mas torna-se, cada vez mais múltiplo e distribuído ou até melhor seria dizer, construído na forma de uma rede. O sentido da rede repousa sob uma concepção anarquista de milhões de pontos, os quais não só reproduzem ou reforçam a mensagem, mas a fazem metamorfosear-se pela colaboração de milhares de indivíduos, que por sua vez dividem-se em múltiplos possíveis, simulando as conexões nervosas mais complexas.

¹⁶ LÉVY, Pierre. **L'intelligence collective**. Paris: La Découverte, 1995.

¹⁷ VAZ, Paulo. *Globalização e experiência de tempo*. In: COMPÓS, 4, 1997, Porto Alegre. **Anais...**Porto Alegre, COMPÓS, 1997. p. 3-6

¹⁸ utilizada por Muniz Sodré no texto *Anatomia de uma crise*. Op.Cit.

Na atualidade são privilegiados a flexibilidade e a autonomia criadora dos indivíduos. Assim, se a finalidade da universidade moderna era produzir indivíduos regulares e disciplinados, a contemporaneidade exige indivíduos múltiplos, oriundos de uma formação plural e contínua. Segundo o que nos coloca Gilles Lipovetsky¹⁹, no mundo da incerteza e da complexidade são necessários indivíduos multidimensionais, abertos à mudança e à comunicação. Dessa forma, cabe a universidade atual assumir a função de formadora dos indivíduos não mais através do ensino de profissões moldadas, que perderiam rapidamente a função na sociedade, mas dedicar-se a formação de sujeitos capazes de se reciclar ao longo de sua vida. Se, ainda nos nossos dias, as universidades são lugares delimitados territorialmente, nos quais se dá a convivência de uma comunidade elitizada, “as novas tecnologias de informação nos permitem pensar numa instituição universitária virtual, reconfigurando suas próprias estruturas e abrindo-se para o inesperado”²⁰.

Diante dos novos ambientes, precisamos também de uma nova concepção da comunicação da universidade, onde o homem possa ser reconhecido como ser múltiplo e pluripotencial, capaz de exercer sua alteridade nas relações que estabelece.

Bibliografia

- BAUDRILLARD, Jean. **A ilusão do fim**. Lisboa: Terramar, 1995.
- BENTES, Ivana. A universidade concorre com a mídia. In: CARVALHO, Antonio Paes de...(et al); DÓRIA, Francisco Antonio (coord.). **A crise da Universidade**. Rio de Janeiro: Revan, 1998.
- BERGER, P. e LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 1997.
- CALVINO, Italo. **Seis propostas para o próximo milênio**. São Paulo: Cia das Letras, 1990.
- CERTEAU, Michel de. **A cultura no plural**. São Paulo: Papyrus, 1995.
- DELEUZE, Giles. **Conversações**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. Petrópolis: Vozes, 1983.
- GUATTARI, Felix e ROLNIK, Suely. **Micropolíticas**. Cartografias do desejo. Petrópolis: Vozes, 1996.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: D P & A, 1997.

¹⁹ LIPOVETSKY, Gilles. **O crepúsculo do dever**. Lisboa: Dom Quixote, 1994.

²⁰ Cf BENTES, Ivana.Op.Cit.

- JASPERS, Karl. **The idea of the university**. Londres: Peter Owen, 1965.
- KERR, Clark. **The uses of the university**. Cambridge: Harvard University Press, 1982.
- LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.
- IÉVY, Pierre. **L'intelligence colective**. Paris: La Découverte, 1995.
- LIPOVETSKY, Gilles. **O crepúsculo do dever**. Lisboa: Dom Quixote, 1994.
- KUNSCH, Margarida Maria Krohling. **Universidade e Comunicação na edificação da sociedade**. São Paulo: Loyola, 1992
- MARIANO DA ROCHA FILHO, José. USM. **A Nova Universidade**. Porto Alegre. ASPES/GLOBO, 1962.
- _____. **A terra, o homem e a educação**. Santa Maria: Palotti, 1993.
- NEIVA JÚNIOR, Eduardo. **Comunicação. Teoria e Prática Social**. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- PRIGOGINE, Ilya e STENGERS, Isabelle. **A nova aliança: metamorfose da ciência**. Brasília: Ed. da Universidade de Brasília, 1997.
- REGO, Gaudêncio Torquato. **Comunicação Institucional**. Comunicação Empresarial: conceitos, estratégias, sistemas, estrutura, planejamento e técnica. São Paulo: Summus. 1986.
- RODRIGUES, Adriano Duarte. **Comunicação e Cultura**. Lisboa: Presença, 1993.
- SANTAELLA, Lúcia. **Cultura das Mídias**. São Paulo: Razão Social, 1995.
- SANTOS, Boaventura. **Pela mão de Alice**. O Social e o Político na Pós- modernidade. 2.ed. São Paulo: Cortez, 1992.
- SERRES, Michel. **Eclaircissements**. Paris: François Borin, 1992.
- SFEZ, Lucien. **Crítica da Comunicação**. São Paulo: Loyola, 1994.
- SODRÉ, Muniz. **O social Irrradiado**. São Paulo: Cortez, 1993.
- _____. **Reinventando a cultura**. A comunicação e seus produtos. Petrópolis: Vozes, 1995.
- _____. Anatomia de uma crise. In: CARVALHO, Antonio Paes de...(et al); DÓRIA, Francisco Antonio (coord.). **A crise da Universidade**. Rio de Janeiro: Revan, 1998.
- THOMPSON, John B. **Ideologia e Cultura Moderna**. Teoria social e crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis: Vozes, 1995.
- VAZ, Paulo. Globalização e experiência de tempo. In: COMIÓS, 4, 1997, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: COMIÓS, 1997.